

Rio recebe 19ª Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa

Evento acontece domingo, 20 de setembro, na Praia de Copacabana

Da Redação

Há quase duas décadas, a Praia de Copacabana se transforma, no terceiro domingo de setembro, em palco de uma das principais manifestações pela liberdade religiosa no país. A Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa chega à 19ª edição reunindo representantes de diferentes tradições religiosas e pessoas sem religião em torno de uma pauta comum: o direito de professar a própria fé, ou não seguir nenhuma, com liberdade e respeito.

Organizada pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR) e pelo Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP), a caminhada foi criada em 2008, após uma série de episódios de perseguição e violência contra praticantes de religiões de matriz africana. A mobilização levou para as

ruas do Rio de Janeiro um debate que, segundo os organizadores, ultrapassa a questão religiosa e envolve direitos fundamentais e cidadania.

A expectativa para esta edição é reunir cerca de 100 mil pessoas. Ao longo do trajeto, o público poderá acompanhar apresentações culturais, discursos, cânticos e danças que representam diferentes tradições religiosas.

Desde a primeira edição, o movimento cresceu e passou a reunir grupos de diversas partes do Brasil. Católicos, evangélicos, candomblecistas, umbandistas, espíritas, judeus, muçulmanos, budistas, representantes de tradições indígenas, ciganos e wiccanos estão entre os segmentos que já participaram da manifestação. Pessoas sem religião também integram a mobilização.

A proposta é manter o caráter plural da caminhada. Em



Caminhada neste ano espera ter 100 mil pessoas pela defesa da fé e da diversidade

vez de promover uma disputa entre crenças, os participantes compartilham o mesmo espaço público para defender a liberdade religiosa e combater manifestações de intolerância e racismo religioso.

A mobilização também ultrapassa os limites do Rio de Janeiro. Caravanas e grupos de estados como Bahia, São Paulo e Minas Gerais viajam para a capital fluminense para participar do evento e ocupar a orla de Copacabana em defesa da liberdade de crença e contra a discriminação religiosa.

Segundo dados divulgados pelos organizadores, mais de 1,8 milhão de pessoas já participaram da caminhada ao longo das 18 edições anteriores. A cada ano, a orla se transforma em uma repre-

sentação da diversidade religiosa brasileira, com roupas, símbolos, cânticos, tambores, orações e outras manifestações culturais e de fé.

A permanência da iniciativa por quase 20 anos também evidencia a atualidade do debate sobre intolerância religiosa. Em um ano marcado por eleições, a discussão sobre direitos, cidadania e respeito às diferenças ganha espaço na agenda pública. A defesa da liberdade religiosa é apresentada pelos organizadores como parte da garantia de direitos em uma sociedade democrática.

Sem vínculo partidário, a caminhada mantém como uma de suas principais características o caráter aberto e inter-religioso. O movimento reúne diferentes crenças e

também pessoas que não seguem nenhuma religião, tendo como referência a defesa da liberdade e do respeito à diversidade.

Após 19 edições, a Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa se consolidou no calendário de eventos do Rio de Janeiro e na história da mobilização contra a intolerância religiosa no Brasil. A manifestação reúne milhares de pessoas, mas também representa uma tradição de convivência entre diferentes grupos.

Quase 20 anos depois de sua criação, a caminhada mantém a defesa de uma mensagem central: a fé não deve ser motivo de violência, discriminação ou exclusão, e o respeito à crença — ou à ausência dela — é parte fundamental da liberdade de todos.

Sesc RJ e Serrapilheira unem artistas e cientistas

Da Redação

O Centro de Ciências e Culturas Sesc RJ (CCCS) e o Instituto Serrapilheira promovem, entre setembro e novembro, três encontros que vão reunir cientistas e artistas em uma programação que combina pesquisa científica, criação artística e música. Intitulado “Ciência em estado de arte”, o projeto pretende aproximar o público de debates científicos contemporâneos por meio de diferentes linguagens e perspectivas. Os encontros serão realizados na área externa da galeria VÃO. A entrada é gratuita.

A primeira atividade será 24 de setembro, às 18h, com o tema “Plantas, memória e a história da Terra”. Participam a geóloga Adriana Alves, pro-

fessora da Universidade de São Paulo (USP), que pesquisa o evento vulcânico relacionado à separação entre a América do Sul e a África e utiliza sedimentos para reconstruir a história do planeta, e o músico, pesquisador e filósofo Tiganá Santana, conhecido por seus estudos sobre culturas africanas bantu no Brasil.

O encontro propõe uma aproximação entre geologia, plantas, ancestralidade e pensamento afrodiaspórico, buscando apresentar outras possibilidades de interpretar a vida e a trajetória da Terra.

A segunda edição será realizada em 29 de outubro, também às 18h, com o tema “Como morre uma árvore?”. A discussão parte da relação entre vida e morte no mundo

vegetal. A bióloga Deliane Penha, professora da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) e pesquisadora da vulnerabilidade de árvores da floresta tropical do Tapajós, participa do encontro ao lado da cantora, compositora e instrumentista Josyara.

A conversa abordará as plantas como organismos complexos e levantará questões relacionadas à inteligência, adaptação, vulnerabilidade, vida e morte no mundo vegetal.

Encerrando a programação, o encontro “Cabeça nas nuvens” acontece em 19 de novembro. O meteorologista Micael Cecchini, que pesquisa a formação das nuvens e sua influência sobre o regime de chuvas na Amazônia, estará

ao lado do cantor e compositor Muato. Os dois também compartilham o interesse pelo violão clássico, ponto de partida para uma conversa sobre as relações entre investigação científica e experimentação musical.

As três atividades terão mediação da poeta e performer Natasha Felix, que levará aos encontros elementos da literatura e da poesia.

“Em cada edição, um cientista e um artista partem de um eixo temático comum para investigar questões que atravessam tanto a pesquisa científica quanto a criação artística. As conversas são entremeadas por apresentações musicais e performances poéticas, em uma dinâmica que busca ampliar as possibilida-

des de divulgação científica e estimular o pensamento crítico”, afirma Rejane Nóbrega, gerente do Centro de Ciências e Culturas Sesc RJ.

Para Natasha Felizi, diretora de divulgação científica do Instituto Serrapilheira, a escolha dos participantes considerou afinidades que vão além das áreas profissionais de cada convidado. Ela cita como exemplo a relação de Tiganá Santana com a geologia, já que seu pai é geólogo, e o interesse de Micael Cecchini pelo violão clássico.

“A curadoria dos encontros busca mostrar que, assim como a arte, a ciência é feita também de material humano, movida por paixões e produzida no limite da incerteza”, afirma.